



Faculdade de Educação

O conhecimento em sala de aula: a atividade de ensino
Prof. Dr. Manoel Oriosvaldo de Moura

EDM 5730

Acadêmica: Ma. Elenira Oliveira Vilela

NUSP: 8496905

Resumo

LACASA P. La escuela: ¿una sociedad dentro de otra? In: ***Aprender en la escuela, aprender en la calle***, Madri, Aprendizaje Visor, 1994. P. 283 – 310.

A autora inicia seu texto afirmando coisas simples, como o fato de que ninguém nega a educação como um fenômeno social (p. 283), mas que isso não significa interpretar esse fato da mesma maneira. E que essa interpretação pode interferir na educação mesma que acaba sendo oferecida às crianças. Nos oferece exemplos de fatos escolares e mostra que a disposição das crianças em sala, a proposição de metas comuns e a organização destas para cumprir a meta são aspectos importantes da organização escolar.

Apresenta então o objetivo do texto:

O objetivo das páginas que seguem é analisar as situações educativas consideradas como entornos interativos, contextos sociais nos quais ocorrem o ensino e a aprendizagem. Para isso, proporei como objeto de reflexão as seguintes questões. A primeira: *o que podemos entender por contexto e em que sentido a escola é um contexto?* (...) Em segundo lugar analisarei a realidade social da escola em dupla direção: por um lado, considerando *as relações sociais no qual ela está imersa*, por outro lado, *a realidade social da escola como grupo social organizado*. Me ocuparei em terceiro lugar da *aula como contexto social*. Por último abordarei o tema das *interações entre iguais*. (p. 284 e 285, tradução minha, grifos no original)

Começa a responder a questão do contexto e, depois de apresentar concepções encontradas por outros autores, afirma que entende contexto como “uma certa relação entre os objetos e seu entorno” (p. 286). Para compreender a natureza dessa relação, utiliza a compreensão de Valsiner de que no ramo da Psicologia existem a teorias contextualizadas e as contextualizadoras. As primeiras compreendem que o indivíduo e seu entorno formam uma unidade de análise (categoria), duas dimensões de um único processo (p. 287). Já nas teorias contextualizadoras, o entorno é tido como variável independente e que interfere na ação do indivíduo e é preciso conhecer seus efeitos com precisão (p. 287). A autora afirma categoricamente que adotar uma ou outra compreensão vai interferir em toda a pesquisa e nas conclusões que se podem tirar a partir dela.

A autora passa a destrinchar compreensões sobre o contexto e como compreender a complexidade da relação entre indivíduo e entorno que constroem essa unidade e chama atenção dela também o fato de que este é um objeto de estudo pouco pesquisado e que o nível de elaboração alcançado ainda se mostra aquém da necessidade, dada a importância que todos afirmam que o contexto tem, em uma ou outra perspectiva, para o desenvolvimento.

A autora traz sua compreensão do que significa o contexto segundo o enfoque histórico cultural, mas baseia sua formulação em trabalho publicado por Cole (1992) segundo ela que supera a

compreensão de Vygotski sobre a importância do contexto, por ele interferir não só no desenvolvimento da linguagem, mas em todos os aspectos humanos. Não concordo que Vygotski compreenda um papel tão restrito ao contexto, ou melhor, à cultura no desenvolvimento psíquico.

Segundo esse referencial e destacando a importância que adotar essa compreensão para encaminhar pesquisas, Lacasa destaca que:

Desse contexto é inseparável a cultura em três direções: 1) porque não é possível separá-la de uma dimensão temporal, histórica, na realidade humana. 2) porque nele estão presentes os instrumentos materiais e simbólicos que permitem aos indivíduos adaptarem-se à realidade e projetarem-se ao futuro. 3) porque é um entorno social. (p. 292, tradução minha)

Ela defende também que o que diferencia o contexto do simples entorno, é que aquele tem atores, metas e recordações (Cohen, apud Lacasa, p. 293), isto é, seus componentes de caráter social.

Passa então a atacar o segundo problema a que se propôs: a realidade social da escola, começando por compreendê-la como um contexto social inserido em uma comunidade – contexto social mais amplo. A escola compreendida dessa forma permite acrescentar possibilidade de resolução de problemas da psicologia educativa como o problema da motivação e a superação das rupturas entre a educação efetivada pela família e pela escola.

Uma segunda perspectiva é enxergar a própria escola como uma organização social, abordagem essa que deve necessariamente ser interdisciplinar, notadamente ser tratado no contexto da sociologia e que exige cuidados para não se perder em muitas abordagens e deixar de definir os traços e nexos fundamentais que são estruturantes à escola organização social.

A abordagem da própria aula como um contexto social – a terceira das questões que a autora se propôs a abordar, refere-se a perceber nela um momento em que por meio de metas e da comunicação entre gerações se dá o compartilhamento de conhecimentos. Depois de apresentar críticas pertinentes a outras abordagens, a autora propõe que seja encaminhada a análise de discurso “conversacional” (talvez dialógica fosse uma tradução possível e adequada). Nessa análise parte-se não somente da linguística e das formulações comunicadas em si, mas das intenções dessa comunicação e do fato de que elas ocorrem em uma estrutura social organizada, a intenção do indivíduo em atuar nessa estrutura é essencial para realizar essa análise (p.302).

Ela destaca a importância da compreensão de Givon, que ressalta dois conceitos essenciais: o que a linguagem essencialmente deve ser estudada como comunicação, transferência de informação e que essa informação se for totalmente conhecida ou totalmente desconhecida e não inteligível, é inútil.

Afirma, finalmente que:

A proposta consiste portanto na análise do discurso educativo através de níveis hierárquicos de análise desde os quais as metas dos participantes nas situações adquirem significado. (...) a análise da construção compartilhada de conhecimento coloca um enorme desafio aos investigadores estamos diante de um campo que apresenta enormes possibilidades (p.304).

Parece uma empolgante constatação de que ao encontrar o conceito e a hipótese certa da qual partir para a realização do estudo, ele terá maior capacidade de desvelar os aspectos constitutivos desse fenômeno e portanto propiciar a construção de explicações e a possibilidade

da transformação, no caso de uma sala de aula com uma comunicação efetiva capaz de propiciar uma comunicação de qualidade que permite o desenvolvimento. Neste aspecto, essa compreensão parece contradizer a compreensão vigotskiana da importância da linguagem como estruturadora do pensamento e de como a formação de conceitos perpassa um complexo processo que vai além da comunicação, mas exige a atividade eficazmente motivada sobre o objeto de aprendizado e relacionado com a cultura.

Por último, aborda a questão das interações sociais entre iguais que já considera consenso a compreensão de que a interação entre iguais promove o desenvolvimento, cabe agora entender como essa interação contribui e em que momentos ela é mais indispensável ou mais eficaz.

Lacasa indica as respostas de Brown a essas questões, informando que segundo esse autor o fato de a aprendizagem acontecer com interações ou por meio delas possibilita que novos conhecimentos sejam compartilhados, permite que os conhecimentos sejam apropriados de tal maneira que seja acessível e potencialmente recolocado de maneira a servir em novas situações, um contexto rico facilita a desestabilização de conhecimentos anteriores para a reestruturação destes em função dos novos conhecimentos em aquisição e que portanto a presença dos pares ativamente no processo facilita a criação da necessidade de reestruturação dos conhecimentos anteriores (p. 305).

Entende que a aprendizagem cooperativa é a saída teórica para o problema de em que estruturas organizacionais as interações mais contribuem para a aprendizagem, em oposição às estruturas individualistas ou competitivas. Isso porque neste caso – da aprendizagem cooperativa – cada indivíduo recebe suporte do grupo para realizar atividades, ao mesmo tempo que o grupo em si gera conflitos que coletivamente precisam ser superados, exigindo maior desenvolvimento e de outra qualidade. Apresenta uma análise dos papéis que as crianças podem ocupar nos grupos que lembra bastante o trabalho que Madalena Freire desenvolveu sobre este tema.

A autora termina com um resumo de suas principais conclusões e com uma resposta positiva à pergunta título do capítulo dizendo sim, a escola é uma sociedade dentro de outra.

Questões:

- 1) A interpretação de Michael Colle da obra vigotskyana é contestada fortemente por negar a importância do materialismo histórico dialético como referência filosófica fundamental. Essa autora não incorre no mesmo erro? A própria ênfase na análise de discurso como método e, apesar de em algum momento afirmar que a diferença está exatamente no papel da análise linguística x atividade, ela não acaba defendendo a comunicação e os discursos como essenciais à compreensão do fenômeno educativo?
- 2) A psicologia educativa é uma compreensão teórica ou um campo de estudos? Porque apesar de o nome usado indicar a segunda hipótese, várias falas da autora parecem indicar a primeira.